

LITERARTES, n.3, 2014 – artigo – Cristiano Camilo Lopes

QUESTÕES DE ÉTICA EM A RAÇA PERFEITA, DE ANGELA LAGO E GISELE LOTUFO

Cristiano Camilo Lopes¹

RESUMO: Desde a antiguidade clássica até a contemporaneidade a ética tem fomentado discussões a respeito da moral, dos hábitos e dos costumes dos seres humanos em todos os lugares e em todas as épocas. Como ciência a ética se propõe teorizar sobre a lógica de cada moral existente a fim de que se possa compreender as diversas formas do comportamento humano. Em decorrência disso, essa ciência vem discutindo questões em vários segmentos da vida como, por exemplo, a submissão de seres humanos a pesquisas científicas. A reflexão sobre essa questão tem estado em evidência na academia e nas artes. Assim, neste artigo, por meio da análise das personagens de *A raça perfeita*, de Angela Lago e Gisele Lotufo, propomos uma discussão sobre a ética no campo da pesquisa com seres humanos, tendo em vista uma avaliação do modo como a imagem das personagens é construída na obra. A princípio, entende-se que, na obra em questão, as autoras apresentam a metáfora visual como uma ornamentação da linguagem cuja finalidade é comunicar um pensamento (uma razão, uma reflexão) por meio de uma forma artística cheia de humor e de ironia.

PALAVRAS-CHAVE: Ética e literatura, Angela Lago, Gisele Lotufo, Metáfora, Linguagem visual.

1 Cristiano Camilo Lopes é doutor e mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). É professor na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e atualmente realiza pesquisa de pós-doutorado em Letras na Universidade de São Paulo sob o título “Crônicas de Nárnia do texto para a tela: um estudo comparado entre a literatura e o cinema”.

ABSTRACT: From classical antiquity to the contemporaneity, ethics has fostered discussions about morality, habits and customs of human beings everywhere and in all ages. As Science, ethics proposes to theorize about the logic of each existing moral in order to understand the various forms of human behavior. As a result, this science has been discussing issues in various segments of life, for example, the submission of human beings to scientific research. The discussion about this matter has been highlighted in the academic circles and the arts. So, in this paper, by analyzing the characters of the book *A raça perfeita*, by Angela Lago and Gisele Lotufo, we propose a discussion about ethics in research with human beings, based on the evaluation about how the image of the characters is built on the book. In principle, it is understood that in the book the authors present a visual metaphor as an adornment of language whose purpose is to communicate a thought (one reason, reflection) through a full of humor and irony artistic form.

KEY WORDS: Ethics and literature, Angela Lago, Gisele Lotufo, Metaphor, Visual language

Em toda a trajetória humana, a literatura tem se apresentado como um meio de reflexão sobre diversos temas de nosso cotidiano. Ela nos leva a pensar em situações de nosso cotidiano, como também nos leva a expressar nossos questionamentos e a buscar, ou não, respostas para nossas inquietações. Em outras palavras, ela privilegia a vida em todas as suas nuances.

Dentre essa variedade de temáticas que são retratadas na literatura, há um tema que, de fato, leva a humanidade a deparar-se com diversas posturas e a perguntar-se o que é certo ou não. Estamos falando, é claro, de ética. Partimos, portanto, do pressuposto de que a literatura como detentora de *lógos* e *poiema* – isto é, ela tem algo a dizer por meio de uma forma artística – retrata questões éticas a partir de um olhar aguçado para perceber as reais inquietações da alma humana.

Ao refletir sobre questões éticas na literatura, a obra literária promove uma

espécie de “simbiose artística” em que o pensamento é comunicado pela forma e esta, por sua vez, remete ao pensamento. Assim, forma e conteúdo se fundem em um novo conceito que só é reconhecido no universo ficcional. Diante disso a literatura confirma seu valor em si mesma e não no possível “uso” que se pode dela fazer.

Não se objetiva, neste ensaio, fazer um tratado sobre a importância de a literatura abordar temas relevantes como a ética. Tal atitude exigiria um espaço maior do que dispomos aqui e, além disso, correríamos o risco de restringir o texto literário a mero transmissor de conteúdo. Nosso intuito, então, é discutir como o poeta articula forma e conteúdo em um único elemento expressando um novo olhar sobre algo que já existe (em nossa especificidade — a ética), tendo como objeto de análise a obra *A raça perfeita* (daqui em diante ARP), de Angela Lago e Gisele Lotufo. Angela Lago é escritora reconhecida nacional e internacionalmente por suas produções na área de Literatura Infantil e Juvenil. Há mais de 20 anos sua obra é marcada pelo predomínio da linguagem visual e linguagem integrada articulando os signos linguísticos e os signos visuais na comunicação com o leitor. Gisele Lotufo foi uma artista que produziu desenhos, pinturas, pequenos objetos, animações e ilustrações e teve seus trabalhos expostos em diversas cidades do Brasil e no exterior. A artista recebeu o Prêmio Philips de Arte para Jovens Talentos em 1996. Gisele Lotufo faleceu em 2004.

O livro ARP foi lançado em 2004, pela Editora Projeto, com a tiragem de 3140 exemplares. A obra recebeu o Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) na categoria Melhor Livro de Imagem — Hors Concours/2005 (produção 2004). Além disso, a obra foi finalista da categoria Literatura Infantil do Prêmio Jabuti/2005 - SEDUC - RO/2012. Em 2011, houve uma segunda edição do livro com a tiragem de 2000 exemplares.

Com relação ao enredo, ARP nos conta a história de uma cientista que realiza diversos experimentos com cães em laboratório. Seu objetivo é trabalhar diferentes raças a fim de chegar a uma raça perfeita. A história une humor e ironia divertindo o leitor principalmente pela expressão facial das personagens. Para apresentar o enredo, as personagens, o tempo e o espaço ficcional, as

autoras se valeram somente de signos visuais em forma de fotomontagens.

A capa de ARP apresenta uma série de cães de diferentes raças em suas casas. É a única parte do livro em que há a presença do código verbal expresso pelo título da obra. Cada letra do título está impressa em um tipo diferente de fonte, sendo que as letras “a” iniciais e finais são da mesma fonte. Essa diferença tanto pode sinalizar o fato de que os cães serão submetidos a vários experimentos a fim de se obter a raça perfeita como pode retratar a pluralidade de raças (representadas pelas diferentes fontes) que vão gerar (em laboratório) uma única raça. Todavia, não se pode deixar de atentar para o fato de o título terminar com a mesma fonte inicial, o que sugere que o fim, na verdade, já estava no começo, visto que a raça perfeita procurada pelas diversas experiências científicas retratadas ao longo do enredo é a raça pura — a raça em seu estado original. Daí o texto verbal se liga ao texto visual: cães em suas casas, cada um com as suas peculiaridades expressando a perfeição em sua gênese.



Figura 1 - Capa de *A raça perfeita*

Com relação ao fio condutor da narrativa, destacamos a página dupla utilizada nos eventos realizados pela cientista no laboratório. A presença da página dupla proporciona ao leitor uma fluidez na leitura das imagens pois o insere no espaço em movimento. E, em decorrência desse movimento gerado pela página dupla, temos o tempo da narrativa. Portanto, tempo e espaço em confluência levam o leitor a fazer encadeamentos fluídos na narrativa em sua leitura das imagens.

Soma-se a isso a presença das molduras que definem bem o espaço ficcional. Em ARP, as molduras seguem o formato quadrado aberto horizontal que favorece a visão panorâmica das cenas.

Dessa forma, a integração espaço, tempo e molduras levam o leitor a apreender a cadeia argumentativa que se desenvolve ao longo da obra, mostrando o encadeamento das ações de forma coerente e coesa.



Figura 2 - moldura, espaço e tempo

Com relação a caracterização das personagens, destacamos que a cientista permanece o tempo todo com a face ofuscada, já os cães têm suas expressões faciais apresentadas com nitidez capaz de promover a identificação de mudanças no olhar dos cães após cada experimento feito pela cientista. A face ofuscada da cientista pode indicar a ausência de preocupação com a especificidade de cada cão. A personagem pode aqui ser a personificação da ciência. Os ideais científicos quando levados a extremo podem sufocar os aspectos vitais do ser humano e, assim, tratá-los como meros objetos de pesquisa. A face é o que caracteriza cada ser como único e indica, em última instância, a sua presença no mundo. Dessa forma, a oposição entre face definida e face ofuscada, na obra, sugerem a ideia de “coisificação” dos cães por parte da cientista. Acrescente-se o fato de que os planos das cenas remetem ora ao olhar da cientista para os cães, ora o olhar dos cães para a cientista.



Figura 3 - Caracterização das personagens

Em ARP, a obra literária promove a reflexão sobre uma das questões principais da ética: quais são os limites do ser humano no que diz respeito à implementação de suas pesquisas? É claro que não é propósito de ARP responder a tal questão, mas, por meio da leitura, abre-se um diálogo com a nossa realidade e com a postura que adotamos para alcançar determinados fins. A obra discute a limitação da ciência no que tange às questões da vida e chama a atenção para o fato de que a ciência deve continuar seus avanços, desde que promova suas pesquisas sem deixar de olhar para a pessoalidade do ser humano. Não há uma apologia contra a ciência, mas há a descrição do desafio que é para ela lidar com a vida.

É interessante ressaltar que a leitura de ARP nos faz refletir sobre os problemas éticos discutidos há séculos, tais como os vários comportamentos humanos frente as questões da vida. Assim como a ética não é uma ciência meramente descritiva e muito menos prescritiva, a ARP não se propõe descrever ou prescrever a melhor postura frente a questões que circundam as experiências com seres humanos, por exemplo.

De acordo com (VÁZQUEZ, 2013, p. 23) ética “é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade”. Em decorrência disso, ela parte de situações concretas, da vida prática, para propor uma reflexão e, assim, em que se possa estabelecer princípios norteadores a partir da situação analisada. A riqueza da ética está, entre outras coisas, na fundamentação e justificação para determinados comportamentos.

Diante disso, surge a questão: qual seria a finalidade de se pensar as questões levantadas pela ética no universo ficcional? A resposta para tal problema talvez esteja na ideia apresentada no início de nossa reflexão. O texto literário é o “dito” com o “feito”; o *lógos* e o *poiema*; o conteúdo e a expressão.

Assim, em nossa análise da obra, percebemos que a ética explica o quão difícil é tratar de experimentação científica quando isso envolve vida. Nessa explicação temos necessariamente que nos defrontar com os fatos que, na história analisada, nos revelam a angústia daquele que se submete a uma pesquisa experimental envolvendo vida.

Quando analisamos a face da cientista podemos afirmar que temos a imagem como uma metáfora, isto é, a imagem da cientista e sua face esfumada aponta para o comportamento da ciência e as reações dos homens (representadas pelos cães) fundamentados e justificados pelas reflexões da ética.

Portanto, pensemos quão significativo é identificar as questões éticas, bem como tantas outras, propostas pelo universo ficcional, visto que não podemos negar que a obra de arte como um todo nos dá o prazer de sua contemplação. De fato, “é pois com grande prazer que penetramos nas crenças de outros homens ainda que as não consideremos verdadeiras [...] ao ler a [...] literatura, torno-me mil seres diferentes, sem deixar de ser eu próprio” (LEWIS, 2003, p. 187, 190).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

LAGO, Angela; LOTUFO, Gisele. *A raça perfeita*. Porto Alegre/RS: Editora Projeto, 2004.

LEWIS, Clives S. *A experiência de ler*. Porto/Pt: Porto Editora, 2003.

VÁSQUEZ, A.S. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2013.